



Discurso de Posse

Belém (PA), ___ de ___ de ____.

Página | 1

Discurso proferido pelo novo sócio efetivo

Walbert da Silva Monteiro

*Por ocasião da sessão Solene de Posse da Cadeira Nº 25, patronímica de José Coelho da Gama e Abreu –
Barão de Marajó*

*M*inha querida esposa Tercília, companheira inigualável dos bons e dos maus momentos, meus filhos, minha nora e meu genro, meus netos, meus irmãos, cunhados e sobrinhos; Caríssimos amigos do Grupo Aproximação e do ECC da Trindade; Confrades da Academia Paraense de Jornalismo e do Centro Paraense de Estudos do Folclore; Companheiros de luta da revista “Ver-o-Pará”; Senhoras e Senhores:

2. Não vos será possível imaginar o quanto de emoção este momento me confere. À honra de poder integrar o nobilíssimo quadro de membros efetivos deste venerável e centenário Instituto Histórico e Geográfico do Pará, acrescenta-se o orgulho de assentar-me à cadeira cujo patrono é José Coelho da Gama e Abreu – o Barão de Marajó – e que foi honradamente ocupada pelos insignes Aláudio Melo e Leônidas Braga Dias. A ambos estou ligado por fraternais laços de amizade, o primeiro sendo tio de meu concunhado Noélio



Melo e o segundo, como pai de queridos amigos do Encontro de Casais com Cristo da Paróquia da Santíssima Trindade.

3. Se a investidura na Cadeira 25 é razão de orgulho, sobram motivos para conferir-lhe maior responsabilidade. Seu último ocupante, o cientista, professor, historiador, escritor, poeta e pintor, médico Leônidas Braga Dias, falecido em 4 de abril de 2002, foi um pioneiro nas pesquisas sobre a hepatologia e histopatologia dos arbovirus na Amazônia brasileira e sua história revela uma personalidade inteiramente comprometida com a realidade em sua volta e o ideal de tornar o conhecimento uma busca de caráter permanente. Leônidas Braga Dias nasceu em Guajará Mirim, no hoje Estado de Rondônia, em 1928, onde iniciou sua formação escolar, continuada em Manaus e completada, em Belém, com a graduação em Medicina pela então Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Seu brilhante e vasto curriculum no exercício profissional, inclui sua estada como pesquisador do internacionalmente famoso e respeitado Instituto Evandro Chagas, lugar no qual desenvolve sua contribuição à histopatologia das infecções pelos arbovirus, e onde avultaram os trabalhos no âmbito experimental, contribuição essa que pode ser considerada como a mais abrangente e referência obrigatória dos estudiosos de arboviroses. Como pesquisador a sua curiosidade e sensibilidade não ficaram restritas ao âmbito médico, inquietando-o a carência de registros, da memória do exercício da medicina na Amazônia e, em particular no Estado do Pará, o que o conduz a interessar-se pela História da Medicina, razão determinante para a sua investidura neste Silogeu. Foi, também, sócio fundador da Academia Paraense de Medicina, onde ocupou a cadeira nº 29. Como historiador, atividade a que se dedicou na última década de sua existência, publicou vários trabalhos. Sua sensibilidade artística ficou revelada também como poeta e pintor.

4. A sua faceta de poeta só é dada a conhecer nos últimos cinco anos de vida, quando publica seus livros “Bibito”, em 1997 e “O meu lado azul”, em 1998. Sua produção artística



como pintor está expressa em dezenas de telas que adornam as residências de sua viúva e filhos.

5. Destarte, indago-me, preliminarmente, sem qualquer melindre de penetrar no nem sempre sincero terreno da falsa modéstia, quais méritos conduziram-me à pleitear pertencer a este Silogeu, que já abrigou os vultos mais ilustres do saber paraense e onde pontificam, hoje, notáveis personalidades que ajudam a construir e consolidar as belas páginas de nossa história. E, longe de abraçar a pretenciosa ousadia de comparar-me à luminosa figura de meu patrono e dos primeiros ocupantes desta Cadeira, só posso encontrar algum rasgo de identificação no ardoroso desejo comum de divulgar o torrão natal.

6. Abandonei minha formação universitária nas ciências do Direito e da Administração, para assumir a vocação que em mim havia sido despertada, aos dezesseis anos, quando comecei como repórter no histórico - e hoje saudoso - jornal “A Província do Pará”, levado pelas mãos amigas de Cláudio Augusto de Sá Leal. O sangue do jornalismo, mesmo com o longo hiato de 22 anos, jamais deixou de circular em minhas veias. E a ele retornei, em 1991, na direção do “Diário do Pará” e, no ano seguinte, quando implantei a revista “Ver-o-Pará”. Nesse interregno, vale a ressalva, entre 1986 e 1992, editei a “Revista do Círio”, como integrante da Diretoria da Festa de Nazaré, à qual me orgulho de haver pertencido, tendo coordenado as atividades de nosso maior evento religioso, nos anos de 1989 e 1990.

7. E é nesse incontido desejo de ver o Pará conhecido e respeitado além de nossas fronteiras regionais que começa a minha afinidade com o Barão de Marajó, este brilhante paraoara nascido na capital do Grão Pará, em 12 de abril de 1832, no sobrado então existente à Rua Tomás ia Perdigão, onde hoje está erguido o Palácio da Cabanagem, sede do Poder Legislativo. Nosso patrono foi fruto da união de um oficial da Marinha portuguesa – do qual herdara o nome – integrante de uma Comissão de Limites e que aqui se radicara tornando-se próspero comerciante, e de sua esposa Anastácia Josefa Micaela da Gama Lobo.



Sua vinda ao mundo acontecia às vésperas da mais importante revolução da história paraense e uma das mais significativas páginas do incipiente e conturbado Império Brasileiro. A Cabanagem, com seus alvos centrados no domínio português, alcança duramente os familiares de Gama e Abreu, forçando-os a um retorno a Portugal, completamente arruinados.

8. Na capital lisboeta Gama e Abreu, que lá chegara com apenas cinco anos, vê transcorrer a infância, o início da juventude e seus primeiros estudos. Aos 14 anos, completados o primário e o curso de humanidades, preparava-se para ingressar na Universidade de Coimbra, quando adoece gravemente e, por recomendação de seus médicos, retorna ao torrão natal em busca da recuperação de sua saúde. Aqui, seu pai buscava recompor o patrimônio perdido. Transcorrem três anos, nos quais Gama e Abreu desenvolve lúdica atividade de caça e pesca que constitui, com o clima favorável, fator decisivo para sua recuperação física. Aos 17 anos retorna a Lisboa e, então, ingressa na Universidade de Coimbra, bacharelando-se em Filosofia e Matemática e nela conquistando diversos prêmios por sua notória aplicação como estudante.

9. Gama e Abreu aproveitava suas férias escolares para conhecer outros países da velha Europa, usufruindo dessas viagens para alicerçar seus conhecimentos e, com suas observações sobre a cultura dos países visitados, estruturar algumas de suas futuras ações políticas em nossa região.

10. Com 23 anos, em 1855, volta para Belém e assume a atividade de professor de Matemática no então Liceu Paraense – o hoje sempre querido e honrado Colégio Estadual Paes de Carvalho, onde tive o privilégio de ser aluno por sete anos. Sua primeira atividade na administração governamental é a Diretoria de Obras Públicas da Província, onde revela sua competência e sensibilidade. É no exercício dessa função que determina a construção de vários empreendimentos sobressaindo-se entre eles o atual Palácio Antônio Lemos, inaugurado em 15 de agosto de 1883, data alusiva à passagem do 60º aniversário da adesão



do Pará à Independência do Brasil. A planta do Palácio foi assinada pelo Barão do Marajó, conforme registrou a medalha comemorativa cunhada em 14 de abril de 1860, de acordo com Janice Shirley Souza Lima e Rosângela Marques de Britto. Os destaques do projeto são a simetria da planta, os frontões triangulares da fachada principal e o pórtico avançado com colunas dóricas. A intenção clássica do projetista deu ao edifício linhas do neoclássico tardio denominado, em suas versões nacionais, de Imperial Brasileiro.

11. Contraí matrimônio em 1857, aos 25 anos de idade, com dona Maria Pombo Brício, natural de Belém, filha do Comendador Jayme David Brício, membro da importante família Brício, do Maranhão, estabelecida no Pará, e de Maria do Carmo Henriques da Silva Pombo, da importante família Silva Pombo, do Pará. Nessa época, filiado ao Partido Liberal, é eleito deputado provincial. Quatro anos depois das núpcias, empreende longa viagem à Europa e Oriente. No seu retorno é eleito deputado ao Parlamento Nacional, mandato exercido no período de 22.05.1867 a 20.07.1868 e interrompido, no breve período de 24.11.1867 a 08.02.1868, por ter sido conduzido à presidência da Província do Amazonas.

12. O primeiro ocupante desta Cadeira, advogado e escritor Aláudio de Oliveira Melo, ao promover o elogio do patrono, em magna sessão deste Instituto, realizada em 15 de agosto de 1965, assim descreve essa passagem da vida de Gama e Abreu: “Nomeado Presidente da Província do Amazonas numa época conturbada de sua vida administrativa, exerceu o encargo que lhe fora confiado, revelando-se fecundo dirigente da coisa pública, além de haver dado provas de verdadeira coragem cívica, coibindo energicamente os abusos de ordem financeira e resistindo às determinações da autoridade máxima, que o obrigara a intervir autoritariamente em uma eleição para deputado. Deixando de cumprir a ordem arbitrária, o Governo declarou que iria transferi-lo para Goiás. Em repulsa às pressões despóticas, Gama e Abreu, altivamente, não aceitando a remoção vexatória, descabida e humilhante, solicitou demissão, voltando a ocupar seu cargo na Câmara de Belém, onde verberou, com energia e com o prestígio e autoridade moral resultante de sua



atitude nobre, viril e independente, o Governo que se deixara envolver no maremoto condenável das imprevidências criminosas”.

13. Em seu regresso ao Pará tem o abalo emocional da morte de sua jovem esposa, em 30.08.1867, vítima de parto laborioso. Do seu casamento resultou uma prole de cinco filhos.

14. Realiza, em seguida, nova viagem ao Oriente e, fortemente impressionado com o resultado de suas observações, escreve uma densa obra, desdobrada em três volumes de 290 páginas cada um, intitulada “Do Amazonas ao Sena, Nilo Bósforo e Danúbio – Apontamentos de viagem”.

15. Em 1872, através da Carta-Patente datada de 19 de junho e por solicitação sua, é reformado no posto de Tenente Coronel.

16. O ano de 1878 marca a sua volta ao Pará. No dia 15 de março do ano seguinte é nomeado Presidente da Província do Pará. Empossado no dia 07 de abril, exerce o mandato até 9 de março de 1881. Ricardo Borges, em seu livro “Vultos notáveis do Pará”, afirma que “foram tão relevantes os serviços que a 7 de maio desse ano, é agraciado pelo Imperador com o título nobiliárquico de Barão do Marajó.” Uma de suas realizações foi a inauguração do belíssimo monumento a um dos mais ilustres filhos de nossa terra: o general Hilário Maximiniano Antunes Gurjão, herói da Guerra do Paraguai. Deixando o governo da Província, passa a exercer a função de Diretor do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, atual Museu Emílio Goeldi, no período de 02 de junho de 1881 a 12 de julho de 1882. Em 1883, com certeza fortemente impressionado com a visão que teve do “Bois de Boulogne”, em Paris, sugere a criação, em Belém, de um bosque municipal à semelhança do jardim parisiense, conforme assevera Leandro Tocantins. De sua idéia surge o atual Jardim Botânico Rodrigues Alves, no bairro do Marco.

17. Já no período republicano, é eleito Intendente de Belém, cargo exercido no período de 1891 a 1894. Da sua biografia política consta, ainda, haver sido presidente da



Câmara, além de Senador e Presidente do Senado estadual. Faleceu em Lisboa a 25 de novembro de 1906, com 74 anos de idade.

18. Não obstante sua intensa atividade política, José Coelho da Gama e Abreu foi notável pesquisador e divulgador da Amazônia, tendo publicado livros que são considerados, até hoje, referências para um entendimento melhor dos que buscam compreender a complexidade da questão amazônica. São de sua lavra, além do já citado “Do Amazonas ao Sena...”, “Estudo chorográfico sobre o Pará” e a sua obra máxima “As regiões amazônicas – estudos chorográficos dos Estados do Gram Pará e Amazonas”, na qual reuniu suas observações pessoais e o grande conhecimento de nossa região, fruto também do estudo e das pesquisas promovidas em extensa bibliografia de seu acervo.

19. No prefácio da edição de 1992, volume 12 da “Coleção Lendo o Pará”, editada pela SECULT, Adélia de Oliveira escreve que “A Amazônia divulgada pelo Barão é a do período áureo da borracha, quando já haviam introduzido na área o navio a vapor e o Rio Amazonas tinha sido aberto à navegação estrangeira, em dezembro de 1866. A Amazônia de que trata era aquela que, embora plena de problemas subjacentes – como a miséria dos que viviam presos a um sistema de barracão -, resplandecia diante do mundo por causa da comercialização da” hevea brasiliensis”.

20. Nessa obra, no capítulo em que analisa o “Progresso e desenvolvimento das regiões amazônicas”, Gama e Abreu assevera que devemos consignar duas épocas em nossa história dentre as que mais contribuíram para o nosso desenvolvimento: “uma é a do decreto que autorizou a criação da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, sob o número 1037, de 30.08.1852, e a segunda é a do decreto marcando a data da abertura do Amazonas ao comércio de todas as nações, datado de 31 de julho de 1867, sob nº 3920. O primeiro d’estes cometimentos foi devido à iniciativa do Barão de Mauá (Irineu Evangelista de Souza), nome que o Pará e o Amazonas devem conservar em seus anais como o de um benemérito dos dois estados, e hoje que se começa a comemorar os serviços de seus filhos



com estátuas e mausoléus, não é muito que se comemore os deste cidadão que, sem ser filho da Amazônia, podemos dizer que foi o primeiro autor do seu desenvolvimento”. E a observação do Barão do Marajó sobre a Belém da segunda metade do Século XIX nos faz refletir sobre a cidade que adentrou o Século XXI: “A mesma vida política era, podemos bem dizer, bárbara; os jornais eram o esgoto em que os ódios políticos e os particulares eram lançados de envolta; a discussão raras vezes escapava ao azedume da invectiva, da injúria e até do insulto.”.

Senhoras e senhores:

21. Eis um tímido perfil do nosso patrono. Aláudio Melo analisou sua forte personalidade sob os aspectos do esclarecido estadista, cultor da ciência política no sentido mais elevado do termo e do geógrafo, excelente em suas análises e incansável divulgador da Amazônia. Fazemos nossas suas palavras de que o Barão do Marajó “tinha a convicção plena de que o escopo da política não é somente a administração dos negócios públicos resumidos nos interesses materiais, e sim a manutenção da ordem jurídica e o entrelaçamento da autoridade e da liberdade, pugnando pela educação do povo, o qual deve ser governado não pela conveniência nem pela força, mas pelos ideais e pelos sentimentos. Espírito incorruptível, o Barão do Marajó sabia que o êxito da política corrompida tem duração fugaz; cedo ou tarde, as nações, como os indivíduos, como quaisquer cidadãos, serão punidos pelo mal ou recompensados pelo bem que fizeram.”.

22. O texto com que Gama e Abreu inicia suas observações sobre a Amazônia, em 1894, é de uma atualidade surpreendente: “Ainda há bem poucos anos, os nomes das duas então províncias amazônicas, Pará e Amazonas, eram senão ignoradas, apenas conhecidas dos brasileiros e de alguns estudiosos que na Europa liam antigas crônicas e narrações de viagens; e é de notar que mesmo nos Estados do Sul da República brasileira elas eram imperfeitamente conhecidas, e a maior parte dos habitantes d’eles se afiguravam estes dois Estados somente como serras habitadas por hordas de selvagens bravios, como inóspitos e



ínvios sertões com poucos e minguidos povoados em que abundam os animais e aves, das quais tão lindas amostras lhes chegam às mãos levados nos vapores que navegam desde o Rio de Janeiro até Manaus.”.

23. Por certo, o quadro descrito pelo Barão de Marajó não apresenta variações consideráveis. Desde aquela época a Amazônia e todos os seus desafios são temas apaixonantes que têm provocado as mais controversas e complexas discussões. Paradoxalmente, com todos os avanços tecnológicos, sobretudo na área das comunicações, é estarrecedor reconhecer que, por ser mal traduzida e pouco conhecida, a Amazônia tem a envolvê-la um manto de ignorância. Constitui uma realidade que tem estado distante do Brasil e do mundo, embora os debates sobre seu presente e perspectivas de futuro apontem, invariavelmente, para o destino de toda a humanidade. Se poucos a conhecem, todos, com menores ou maiores margens de acerto, formam conceitos a partir de informações nem sempre confiáveis.

24. A Amazônia, no dizer de Luiz Emygdio de Mello Filho, livre-docente, doutor e ex-professor de Botânica da Universidade do Rio de Janeiro, “é uma realidade geomorfológica, biológica e social ímpar, sendo única em todo o planeta. Em nenhum setor da Terra se reúnem tanta água, tanto solo e tanta floresta, aliados a uma constelação de etnias, sob a plethora de luz e calor peculiar à faixa equatorial. Acrescente-se, ainda, que não se trata de um sistema estático, mas a sede um processo evolutivo, cujo dinamismo provoca, em todo o tempo e o tempo todo, um fluxo incessante de fenômenos e mudanças. A região amazônica exige, para uma formulação correta e globalizante da sua caleidoscópica estrutura e de sua diversidade natural – até hoje superior à capacidade de se perscrutá-la cientificamente -, o concurso de cérebros privilegiados do mais alto valor, capazes de emitir conceitos baseados numa percepção filosófica, nos quadros da Filosofia da Natureza. Precisa-se de quem seja capaz de entender e situar, numa perspectiva futurológica, a



questão maior de como encarar, de como emitir indicações de manejo e, sobretudo, como preservar o valor máximo que lhe é intrínseco: sua biodiversidade”.

25. Aziz Ab’Saber, bacharel e licenciado em Geografia e História pela USP, membro fundador da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, refere que “o mundo das águas na Amazônia, é o resultado direto da excepcional pluviosidade que atinge a gigantesca depressão topográfica regional. O grande rio, ele próprio, nasce em plena cordilheira dos Andes, através de três braços, onde existem precipitações nivais e degelo de primavera, a mais de 4 mil metros de altitude. Fora este setor andino, restrito e localizado, o corpo principal da bacia hidrográfica depende de um regime hidrológico totalmente pluvial. São simplesmente fantásticos os números referentes à área de extensão da bacia, o volume das águas correntes, a largura média dos leitos e o débito dos grandes rios em diferentes setores. Calcula-se a área total da bacia em mais de 6 milhões de quilômetros quadrados. Na bacia amazônica, vista em sua totalidade, circulam 20% das águas doces existentes no planeta.

26. A vegetação amazônica, conforme ensina William Rodrigues, bacharel e licenciado em História Natural pela UERJ e doutor em Ciências pela UNICAMP, “embora pujante e com grande biomassa, em geral repousa sobre solos muito pobres em elementos minerais, o que significa existir uma enorme massa de matéria orgânica por área, estabelecendo o equilíbrio entre solo e planta e mantendo o ciclo biogeoquímico fechado. Quando se quebra esse ciclo, pela derrubada e queima da mata, e lixiviação dos nutrientes, as consequências são imprevisíveis.”

27. O general Luiz Gonzaga Lessa, ex-Comandante Militar da Amazônia, citado pelo coronel Cláudio Moreira Bento, instrutor de História Militar da AMAN em palestra “A Amazônia e seus desafios”, proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, afirmou a respeito de nossa região:

28. “Ela se constitui no maior Banco Genético Mundial. Possui 1/5 da água doce do mundo, a qual será objeto de guerras para o seu controle no 3º milênio; 1/3 das florestas do



mundo e 1/20 de toda a superfície da Terra. A Amazônia Brasileira possui 11.248 km de fronteiras, 1.020 km de litoral, 23.000 km de rios navegáveis e possui a maior bacia hidrográfica do mundo e 30% da biodiversidade mundial. E nela cabe toda a Europa, menos a Rússia. Possui 3 fusos horários e se situa em dois hemisférios.

29. "Nesse cenário de águas e florestas habitam milhões de espécies que, como afirma Michael Goulding, doutor pela Universidade da Califórnia, “de uma forma ou de outra, são como uma platéia ansiosa esperando que as cortinas se abram” e se possa, de fato e com responsabilidade, discutir sobre seu presente e seu futuro. O homem amazônico, por certo o mais importante interessado, agora quer se colocar, não mais na primeira fila, como mero espectador das formulações sobre seu próprio destino. Mas exige participar como ator principal e diretor do espetáculo.

30. O contexto analisado pelo Barão do Marajó não contemplava, a respeito da Amazônia, a sua mais terrível ameaça: de modo explícito ou velado, as grandes potências desejam a sua internacionalização, que a nossa região venha a ser declarada patrimônio da humanidade, com desprezo pela soberania brasileira.

31. É ainda Cláudio Bento que, analisando a conjuntura mundial na qual ambientalistas de plantão e poderosas forças econômicas se unem objetivando abocanhar as riquezas da região, afirma: “Atribuindo-lhe a característica de pulmão do mundo, esses adventistas da salvação universal defendem a tese da internacionalização da área, supostamente a fim de preservá-la de predatória exploração por parte dos países onde ela se localiza, muito embora fechem os olhos para o fato de que vivem e trabalham em sociedades altamente poluidoras, elas, sim, responsáveis pela deterioração, em escala global, dos níveis de habitabilidade do planeta.”

Senhoras e senhores:

32. Estamos assistindo, há vários dias, a mídia nacional e internacional focalizar o nosso querido Pará como “terra sem lei”, paraíso de bandidos e grileiros, em razão do



assassinato de uma missionária norte-americana naturalizada brasileira. Aliás, já nos acostumamos a ser a manchete preferida dos editores das redes nacionais de televisão e dos jornais de grande circulação, quando se trata dos conflitos fundiários, da disseminação do trabalho escravo, da prostituição infantil e de outras mazelas também presentes em outras regiões brasileiras.

33. Não creditamos esse procedimento a uma leviandade da mídia ou desconhecimento de nossa realidade. Preferimos optar pelo rótulo de má fé e discriminação odiosa, porque, historicamente, tem sido este o comportamento para com o Norte do Brasil, postura contra a qual devemos todos, cidadãos e organizações, unirmo-nos em amplo e profundo movimento que exija de autoridades, da mídia e dos políticos o respeito que o Pará e os paraenses merecem.

34. Em 1996, no texto de apresentação de nossa revista sobre a Economia paraense, alertávamos que os temas nela abordados deveriam fornecer as pistas para um amplo debate, que deveria nos envolver a todos, na discussão do nosso próprio futuro. Justamente para que não viéssemos mais a repetir os erros do passado, quando permitimos, sem reações contundentes e organizadas, que decidissem por nós os rumos da nossa história econômica, da qual sempre nos restou – e tão somente – o pesado ônus do custo social e das agressões ambientais. Perguntávamos, o que repetimos hoje, de que tem valido ao povo paraense morar na mais rica província mineral da Terra? Que progressos sensíveis proporcionou a política federal de incentivos fiscais que tenham sido traduzidos em bem estar social, geração de empregos, programas de saúde, saneamento básico e combate à miséria? Que benefícios recebeu o povo com a execução dos chamados “grandes projetos”.

35. O assassinato da irmã Dorothy, em que vítima, mandantes e executores, não são paraenses, nos remete à constatação de que a política de ocupação da Amazônia pelos brasileiros, que provocou as migrações internas de contingentes de irmãos nordestinos e de outras plagas, ao lado dos “atrativos” da garimpagem do ouro e da extração de madeira e



posse irregular de terras públicas, resultou na multiplicidade de problemas que, em última análise, cabe ao Pará e seus governantes a solução, sem que existam contrapartidas efetivas do governo federal que é omissor, também, na execução de uma reforma agrária séria e objetiva. Esta é a realidade sem sofismas: o Pará não recebe – e não é de hoje – do poder central o tratamento que merece. Nossas riquezas naturais são levadas a troco de migalhas, enquanto convivemos, por insuficiência de recursos, com estradas federais em péssimo estado ou inacabadas, a quase totalidade dos nossos municípios sem nenhuma infraestrutura de saneamento. E assistimos, letárgicos, passivos, o governo federal anunciar aumento de impostos, cortes nos investimentos para a região e adiamento na execução de obras vitais para o nosso desenvolvimento, como o asfaltamento das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém e as eclusas de Tucuruí.

36. É preciso deixar claro que não somos contrários à vinda de brasileiros de outras regiões para a Amazônia. Mas não nos conformamos que as políticas discriminatórias de velhas, novas e populares repúblicas, nos coloquem abandonados do concerto federativo. Enquanto políticos de outros estados para cá remetem seus contingentes de deserdados da sorte, a nós compete abrigá-los, sem que tenhamos contrapartidas eficazes de uma justa política social que os ampare. Enquanto maus empresários não paraenses devastam a mata sem a observância das técnicas de enriquecimento florestal, somos apontados como predadores de um patrimônio que é nosso por direito inalienável e do qual nada usufruímos.

37. Perdoem-me tais desabafos em momento tão solene. No início desta fala, procurei destacar que a grande convergência entre os meus ideais e os do Barão do Marajó residia no obstinado desejo de ver nossa Amazônia conhecida e respeitada. Esta tem sido a nossa labuta diária em quase treze anos como editores de revistas que falam exclusivamente no Pará.



38. Jamais poderia, de fato, querer ombrear-me com os ilustres membros deste Silogeu, os atuais e os que lhe construíram as sólidas bases em que se assenta. Seria atrevimento descabido alinhar-me ao saber de quantos compõem o Quadro de Membros Efetivos do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, onde, reafirmo, pontificam figuras ímpares da intelectualidade paraense. Justifico a ousadia exclusivamente nesse comum desejo que nos une de promover o estudo, estimular o desenvolvimento e fazer a difusão dos conhecimentos da História e da Geografia, em todos os seus ramos, em todas as suas aplicações à vida social, política e econômica, em especial no que se refere ao Brasil e, particularmente, à Amazônia, conforme consagram os Estatutos deste Instituto.

MUITO OBRIGADO!

